



As Representações Imagéticas da Igreja Matriz de Pirai do Sul/PR sob a Ótica Panofskyana

Alcione José Alves Bueno¹

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar uma leitura das representações imagéticas contidas no interior da Igreja Matriz de Pirai do Sul, a partir da teoria criada e aplicada por Erwin Panofsky, quando discute o papel da iconologia como criadora de significados por meio dos símbolos subjetivos intrínsecos a um determinado objeto. Para o desenvolvimento deste trabalho, foram analisadas três imagens representadas internamente na Igreja e a partir dela foram tecidas considerações de acordo com a teoria iconológica. Entende-se que leitura de imagens é processo um subjetivo, no qual o observador irá perceber as nuances da representação, de acordo com suas concepções e experiências pessoais com o objeto observado. A partir da releitura dessas obras evidenciaram-se aspectos históricos da cultura local sob o viés da antropologia cristã.

Palavras-Chave: Método Iconológico. Erwin Panofsky. Leitura de Imagens. Igreja Matriz de Pirai do Sul.

The Imaginary Representations of the Mother Church of Pirai do Sul/PR under the Panofskyana Optics

Abstract: This paper aims to present a reading of the imagery representations contained within the Mother Church of Pirai do Sul, based on the theory created and applied by Erwin Panofsky, when he discusses the role of iconology as creator of meanings through the intrinsic subjective symbols a particular object. For the development of this work, three images internally represented in the church were analyzed and from it considerations were woven according to the iconological theory. It is understood that reading images is a subjective process, in which the observer will perceive the nuances of representation, according to their conceptions and personal experiences with the observed object. From the re-reading of these works historical aspects of the local culture were evidenced under the bias of christian anthropology.

Keywords: Iconological Method. Erwin Panofsky. Reading Images. Mother Church of Pirai do Sul.

Introdução

É fato que as sociedades demonstram preferência por informações visuais, haja vista a grande carga de informações desse tipo presentes em nosso dia a dia. Estamos repletos desse tipo de informações, pois vivemos numa sociedade que as utiliza frequentemente como meio de publicidade e informação. Dondis (2003, p. 7), embora considere que existe uma diferença entre ver e entender,

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Especialista em Educação Especial e Psicomotricidade e em Ensino Religioso pela Faculdade de Educação São Luís (FESL). Graduado em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).



afirma que a visão supera eloquentemente os outros sentidos e enfatiza que “ver é uma experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informações representa a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade”.

O interesse pela leitura de representações imagéticas teve início nos anos 1970, quando os sistemas audiovisuais se deprenderam expressivamente, motivados pela globalização que começava a engendrar-se. Influenciada pelo formalismo advindo da semiótica, a leitura de imagens pode ser compreendida como complexa experiência, sendo uma elaboração ativa de uma percepção que se transforma em informação, e, dessa forma, conhecimento.

Nos pressupostos desse embasamento, o presente artigo objetiva apresentar as representações imagéticas da Igreja Matriz de Piraí do Sul/PR, por meio do método iconológico proposto por Panofsky, que entende que toda imagem é formada por símbolos, no qual a junção e tão logo, o entendimento dos mesmos nos permite “ler” uma imagem, mesmo que esta não seja formada por linguagem escrita, mas sim, por representações pictóricas.

A Linguagem Visual

Durante o processo evolutivo a imagem consagrou-se como linguagem inicial da humanidade, como podemos observar pelas representações deixadas pelo homem primitivo, que hoje denominamos de arte rupestre. Para Leite (1998), antes mesmo da linguagem escrita, falada e até mesmo outras tecnologias, que permitiam capturar momentos com as câmeras fotográficas, por exemplo, as expressões artísticas em paredes de cavernas e tantos outros locais, configuram uma forma de inteligência da humanidade, bem como, minúcias de organizações sociais e culturais.

Mas, com o advento da Idade Moderna, as representações e aplicações das imagens foram progressivamente se modificando, exigindo cada vez mais de seus artistas. Nesse processo, as técnicas de pintura se aperfeiçoaram, saindo das paredes das cavernas para utilizar materiais mais sofisticados como telas e tintas a óleo. Assim sendo, “é necessário que o trabalho possua os elementos de comunicação visual (harmoniosamente trabalhados) para que o receptor tenha despertada sua sensibilidade e para que se obtenha o efeito desejado” (VAZ; ANDRADE; SIQUEIRA, 2009, p. 599). Cabe ao ilustrador, direcionar para onde quer que o receptor olhe, pois, os elementos compositivos permitem chamar a atenção do observador e com isso levá-lo a entender a informação que se quer passar.



Para entender uma informação visual é preciso considerar a sua estruturação e os elementos que a compõem, como o ponto, a dimensão, o movimento, o tom, a textura, a cor, a direção, a proporção e a forma. Entendendo estes elementos compositivos é possível compreender mais facilmente uma mensagem visual. No catolicismo a presença de imagens representativas, especialmente de santos é bastante significativa, tendo em vista que para os cristãos, elas permitem “experenciar” visualmente e recordar ações de pessoas que se doaram completamente a uma missão.

É errôneo afirmar que os católicos adoram imagens, pois mesmo na sagrada escritura, encontramos referência ao papel da adoração que é feita somente a Deus. “Adorarás o Senhor teu Deus e só a ele servirás” (DEUTERONÔMIO, 2013, p. 222). Por meio dos escritos em Deuteronômio é possível afirmar, que o catolicismo reconhece somente a Deus como soberano e único a quem se presta adoração. Esclarecemos que o termo adoração deriva do grego *latría*, e só é feita a um único Deus, reconhecendo-o como soberano. Para os demais – anjos e santos, é prestada veneração/reverência (grego *dulia*). E, somente à Nossa Senhora, se presta uma *hiperdulia*, isto é, uma grande veneração, pois esta é a figura representativa da Mãe de Deus. E, para São José, pai terreno de Jesus, é feita uma *protodulia*, que é considerada como primeira veneração/reverência. Assim, não há como confundir o culto prestado a Deus (*latría* – adoração), do culto prestado aos anjos e santos de Deus (*dulia* – veneração) (ALVES, 2012).

A nossa análise emprega a teoria de Erwin Panofsky, que discute o papel da iconologia como criadora de significados por meio dos símbolos subjetivos intrínsecos a um determinado objeto. Cabe informar que Erwin Panofsky nasceu em Hanôver (Alemanha), em 1892 e faleceu em 1968 em Princeton (Nova Jersey/EUA). Panofsky consagrou-se como crítico e historiador de arte, configurando-se como um dos expoentes na área de leitura de imagens e como principal representante da iconologia. O teórico Panofsky (2009) distingue iconografia de iconologia ao entender que no primeiro caso têm-se o estudo do objeto e no segundo o estudo do significado do objeto. Para exemplificar suas ideias, ele sugere o ato de um homem levantar o chapéu para alguém, ou em algum lugar. Em primeira instância (no caso assunto – iconografia), esse ato representa simplesmente o exato momento em que um homem levanta seu chapéu.

Porém, em um segundo momento (estudo do significado – iconologia), nos remete ao cavalheirismo medieval, que está atrelado ao ato de se levantar educadamente o chapéu para alguém. Antigamente, esse ato representava o respeito pelo outro, bem como era utilizado pelos homens



armados durante as batalhas para clarificar suas intenções de pacificidade. Desse modo, para o autor, é importante entender as nuances amalgamadas na cultura de um povo, de modo a compreender os significados calcados em seus atos e suas simbologias (PANOFSKY, 2009). No que tange à iconologia, Panofsky detalha sua teoria por meio de três níveis de compreensão para a leitura de uma obra imagética.

O nível primário, aparente ou natural é o mais básico de entendimento e consiste na percepção da obra despojada de qualquer conhecimento ou contexto cultural. Tomando-se, por exemplo, a pintura da Última Ceia, no primeiro nível, o quadro poderia ser percebido somente como uma pintura de treze homens sentados à mesa (PANOFSKY, 2009).

O nível secundário ou convencional, traz a equação cultural e o conhecimento iconográfico. Por exemplo, um observador do Ocidente entenderia que a pintura dos treze homens sentados à mesa representaria a Última Ceia. Similarmente, vendo a representação de um homem com barba, cabelo comprido e braços abertos no centro da mesa, ser Jesus Cristo (PANOFSKY, 2009).

O terceiro nível, ou intrínseco (iconologia), leva em conta a história pessoal, técnica e cultural para entender uma obra. Nesse nível, a arte é entendida não como um incidente isolado, mas como um produto de um ambiente histórico. Trabalhando com estas camadas, o pesquisador coloca-se questões como “qual a importância desta obra? o que Jesus representa e quem foi Ele?” Essencialmente, esta última camada é uma síntese, é o pesquisador se questionando: “o que isto significa?” (PANOFSKY, 2009).

A Igreja Matriz de Piraiá do Sul

No dia 4 de fevereiro de 1859 foi erigida a primeira capela dedicada ao Senhor Menino Deus no Município de Piraiá do Sul, cidade que na época intitulava-se, ainda, Bairro da Lança. Pouco a pouco, junto com o crescimento da região e independência em relação às freguesias vizinhas, a capela foi sendo reformada. Assim, somente quase cem anos mais tarde, em 1957, a obra foi finalizada, sendo considerada como um dos templos mais bonitos da região (MALVESTITTI, 2000).

Com o passar do tempo, a capela requeria reformas, porém pontuais, tendo em vista que as infiltrações e falta de cuidados foram aos poucos avariando a estrutura e a estética da Igreja (MALVESTITTI, 2000). Muitas pinturas originais feitas no primeiro erguimento da matriz, foram escondidas sob novas pinturas e, também, deterioradas pelo tempo. Mesmo assim, até hoje suas paredes contam a história do povo piraiense e são ricas em representações imagéticas, que possuem



profundos significados teológicos, pois a imagem pode ser considerada um documento e, dessa forma, possui um significado intrínseco à sua composição, forma, história, local e o responsável por sua criação.

Algumas imagens presentes na Matriz apresentam-se de forma mais preponderantes sobre as demais, desempenhando papéis significativos, como a Tela Central, representando o Divino Pai Eterno, a imagem na parte esquerda da Matriz, ilustrando o Sagrado Coração de Jesus e, abaixo dele, no canto inferior esquerdo, a representação do Vaticano em Roma e no canto inferior direito, o Cristo Redentor na Cidade do Rio de Janeiro e a terceira imagem no lado esquerdo da Matriz, ilustra a Imaculada Conceição, na qual Maria Santíssima é assunta ao céu. Essas imagens, considerando as suas representatividades e destaques sobre as demais serão discutidas mais adiante, de modo a tecer considerações que forneçam subsídios capazes de permitir uma “leitura” de três delas, por meio do método iconológico criado e aplicado por Erwin Panofsky.

Os católicos professam sua fé pela oração do Credo, exaltam a superioridade divina e seu papel criador do universo, bem como de tudo o que nele existe: “Deus criou o céu e a terra” (GENESIS, 2013, p. 49). Deus iniciou tudo o que existe e somente Ele é o criador de tudo, portanto, tudo depende d’Ele. No Novo Testamento, João (2013, p. 1.384), afirma que “no princípio era o verbo e o verbo estava com Deus e o verbo era Deus. Tudo foi feito por Ele e sem Ele nada foi feito”, o que nos permite conhecer a Deus por meio de suas obras.

Para os professantes do catolicismo assumir essa Graça criativa de Deus é assumir que sendo Deus criador, Ele é o único Deus de todas as coisas, sendo livre para exercer sua vontade e criar. É Aquele que do vazio trouxe o universo e tudo o que nele existe. Antes de criar tudo, além de Deus nada existia, assim, assumir Deus como criador é assumir que a matéria não é eterna, mas uma realidade criada por meio de alguém que auto existe (Deus), e que tudo é dependente Dele. Na Igreja Matriz de Piraí do Sul/PR, o Divino Pai Eterno é representado na parede do presbitério. Feito em 5 telas agrupadas vertical e horizontalmente, medindo 2,07X3,04m e pintado a tinta óleo e moldurada em gesso na cor branca (Figura 1).

No nível primário, observa-se no quadro cores quentes de acordo com a teoria das cores², forma geométricas livres desalinhas e contraste de cores, de modo a exaltar certas imagens dentro do quadro como uma pessoa central na imagem, que preenche todo o campo visual superior. No Nível

² Associação entre cores influenciadas pela luz e natureza de cada cor.



Secundário, é possível inferir que o quadro é uma representação de Deus, que está no céu entre as nuvens, rodeado de anjos voando e tocando instrumentos para, e por Ele.

Figura 1 – Divino Pai Eterno



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor (2018)

No terceiro momento, afirma-se que o quadro tem por objetivo ilustrar Deus em sua santidade, com anjos aos seus pés em adoração. Divino Pai Eterno é um título dado à primeira pessoa da Santíssima Trindade. “Divino” porque é sublime, “Pai” porque é quem dá a vida e quem gera, cria e ama os filhos e “Eterno” porque não tem início e nem fim. Os anjos ao seu redor ilustram a adoração permanente que é feita a Deus, bem como tocam instrumentos, exaltando a alegria de estar com o seu Senhor. Atrás da imagem ilustrativa de Deus aparece o sol, de onde saem raios. Para a iconografia teológica o sol é a figura representativa do próprio Deus. Portanto, os raios saem de Deus e atingem toda a humanidade.

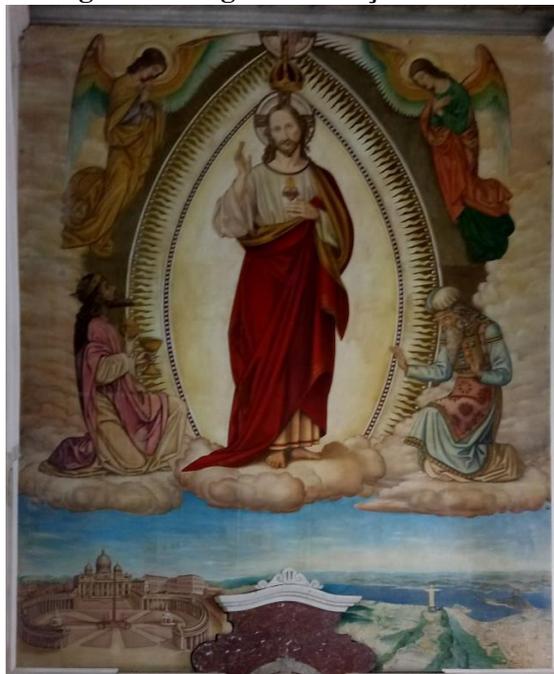
A Figura representativa de Deus Pai aparece de braços abertos simbolizando que acolhe a todos, da mesma forma que abaixo de Deus aparece uma representação do Espírito Santo, descendo sobre a Terra, onde o Deus Uno que se fez Trino, manda seu Espírito Santo para abençoar todos os filhos seus. Pela disposição dos anjos (local em que estão, atitudes práticas e olhar), nota-se que estes estão prestando adoração à Deus.



O termo coração no antigo testamento é derivado do hebraico *leb* e, no novo testamento, deriva do termo grego *Kardia*, apresenta uma dimensão fisiológica e, ao mesmo tempo, antropológica. Não é apenas uma parte isolada do ser, mas relaciona-se à sua totalidade. Deste modo, o ser humano todo é coração. Para a antropologia, o coração é o símbolo representativo da totalidade do ser, não sendo o símbolo um substituto da realidade subjetiva, mas uma manifestação criativa da realidade simbolizada. Portanto, onde há coração há totalidade do ser. Para a cristologia, a representação imagética do Sagrado Coração de Jesus, ilustra uma simbologia integrada da pessoa, da história e da missão de Jesus. Nesse sentido, a devoção ao Sagrado Coração não deve ser entendida como pontual ou específica a um órgão físico, mas, sim, como fundante de sua história humana e divina, sendo um símbolo-realidade de sua totalidade.

“O seu coração sendo parte nobilíssima da natureza humana, está hipostaticamente, perfeitamente, unido à pessoa do Verbo de Deus” (PIO IX, 1854). Assim, onde está uma Pessoa Divina encontra-se também a Trindade. Portanto, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus pode ser entendida como uma adoração à própria Trindade. O Sagrado Coração de Jesus revela a história de Deus que fez comunhão com a humanidade, tornando-se homem, sendo um símbolo-realidade total de seu amor salvífico para a humanidade.

Figura 2 – Sagrado Coração de Jesus



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor (2018)



A imagem ilustrada do Sagrado Coração de Jesus na Igreja Matriz de Pirai do Sul, foi feita em óleo sobre 3 telas agrupadas horizontalmente e moldurada em madeira. Está na parte frontal da nave da Igreja, no canto superior direito, medindo 3,03X5m (Figura 2). No Primeiro Nível evidenciam-se cores fortes como vermelho, laranja e tons em creme. Possui formas geométricas desalinhadas, algumas sendo livres e outras com vértices em expoente. A representação divide o olhar do observador em três quadros separadamente: 1) superior; 2) inferior esquerda; 3) inferior direita, não possuindo entre si, relações diretas de acordo com a teoria iconológica de Panofsky.

No Nível Secundário o observador pode inferir que a figura central (quadro superior) é Jesus, representado pela imagem do seu Sacratíssimo Coração. Na parte inferior esquerda está representado o Cristo Redentor, na Cidade do Rio de Janeiro e na inferior direita o Vaticano em Roma. No Terceiro Nível, o observador é capaz de perceber que a representação tem um cunho religioso e é fruto de uma revelação divina feita pelo próprio Cristo à Santa Margarida Alacoque. Os símbolos da representação ilustram signos relativos à fé cristã. O coração de Jesus fora do Peito ilustra o amor de Jesus pela humanidade, significando que ele tirou de si (coração fora do peito) e doou-se.

O coração está em chamas, significando que o amor é vivo e real. Jesus deu sua vida no passado, mas seu amor continua no presente, significando que Deus é apaixonado pela humanidade. Está coroadado de espinhos ilustrando a indiferença para com o seu amor, o ferindo muitas vezes. Pelos gestos de seus braços infere-se que Jesus faz o convite para aproximar-se dele com a mão direita e aponta para seu coração sedento de amor, com a mão esquerda. Seu manto na cor vermelha ilustra seu sangue derramado, mas também fogo do Espírito Santo que está sempre vivo e a sua túnica branca nos remete à pureza que existe em seu coração, juntamente com detalhes em dourado significando que ele é pessoa divina e celestial.

Acima da cabeça do Sagrado Coração de Jesus, aparece uma mão que pode ser entendida como a mão de Deus, significando que o Deus Pai coroa o Deus Filho também como rei. É interessante notar que o símbolo que está atrás da mão que coroa Jesus é o mesmo que está atrás da cabeça de Jesus, representando a Trindade como Una. Outro detalhe interessante, é que somente a imagem do Sagrado Coração de Jesus possui sombra³, pois o Deus Pai (primeira pessoa da Trindade e o sol na iconografia teológica) está acima do Deus Filho na representação, embora sejam unos.

³ Isso pode ser observado ao lado do pé esquerdo de Jesus.



Ao entorno temos anjos e reis prestando adoração a Ele que é o único rei. Sob seus pés as representações do Vaticano em Roma sendo um grande símbolo católico, e do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, que de braços abertos acolhe a todos os necessitados. Dois santuários dedicados ao senhor Deus, que mesmo distantes, estão sob o mesmo céu e aos pés do mesmo Deus, de modo a ilustrar o papel da Igreja como Una, Católica, Apostólica e Romana.

“Pode o puro (Jesus), vir de um ser impuro?” (JÓ, 2013, p. 625). “Tu és formosa, meu amor, não há mancha em ti” (CANTICO DOS CANTICOS, 2013, p. 629). Nesses versos bíblicos, se encontra a referência à Virgem Maria, que concebida sem a mancha do pecado original, foi preservada por meio da graça de Deus, desde o primeiro instante de sua existência. O Dogma da Imaculada Conceição fundamentada na Bíblia, declara que a Virgem Maria viveu livre do pecado (Figura 3). No momento em que Maria recebe a saudação do Anjo Gabriel, que a saúda como cheia de graça. Graça esta provinda somente do amor salvífico de Deus. A Virgem Maria foi instituída como Imaculada pelo Papa IX, em 8 de dezembro de 1854, assim está escrito na Bula *Ineffabilis Deus* (Deus Inefável):

Em honra da Trindade [...] declaramos a doutrina que afirma que a Virgem Maria, desde a sua concepção, pela graça de Deus todo poderoso, pelos merecimentos de Jesus Cristo, Salvador do homem, foi preservada imune da mancha do pecado original. Essa verdade foi nos revelada por Deus e, portanto, deve ser solidamente crida pelos fiéis (PAPA PIO IX, 1854).

Figura 3 – Imaculada Conceição de Maria



Fonte: Arquivo Pessoal do Autor (2018)



Pura, santa e sem pecado original, ama com amor infinito e por isso é possível recorrer a sua interseção, pois está repleta da graça de Deus, e com isso, sendo mãe nos altos céus, ouve os clamores terrenos e os leva a Deus. Na igreja, a Imaculada Conceição está representada em óleo sobre 5 telas dispostas horizontal e verticalmente, na parte da frontal da nave da Igreja, no canto superior esquerdo, medindo 3,02X5m (Figura 3).

No Primeiro Nível evidenciam-se cores quentes, com tonalidades em azul escuro, laranja e verde, sobressaindo-se sobre tons mais suaves como azul claro, amarelo e branco. Evidenciam-se formas geométricas bem delimitadas como círculos, retângulos e triângulos. No Segundo Nível, infere-se que a pessoa representada na imagem é Maria, que está sendo coroada pelos anjos, fazendo referência à Imaculada Conceição de Maria. Abaixo de Maria estão representados a Igreja Matriz e o antigo Santuário de Nossa Senhora das Brotas. No Terceiro Nível é possível inferir as significações atreladas à representação da Imaculada Conceição de Maria na Igreja, partindo de sua significância na história do cristianismo, considerada Imaculada porque concebeu o filho de Deus sem a mácula (mancha do pecado). A lua debaixo de seus pés significa que a lua não possui brilho próprio, mas reflete a luz do sol, que na iconologia cristã representa o próprio Deus, portanto, Maria reflete Deus.

Rodeada por anjos e nuvens, que revelam que Maria está nos céus, onde ela é rainha e acima de sua cabeça é possível visualizar que as nuvens se abrem, significando que o céu está se abrindo para receber aquela que é cheia de graça. A meia lua também está dividida entre a Igreja Matriz e o Santuário de Nossa Senhora das Brotas de Piraí do Sul, refletindo a luz de Deus em ambos os locais, por intermédio de Maria Santíssima. Rodeada por anjos e nuvens, que revelam que Maria está nos céus com a corte celeste, onde ela é rainha e embaixadora. Atrás de Maria e acima de sua cabeça, é possível visualizar que as nuvens se abrem, significando que o céu está se abrindo para receber aquela que é cheia de graça. Atrás de Maria, também aparece o sol (Deus), sendo ela, um ponto de interseção entre a humanidade e Deus, o que também se verifica pelos seus braços, de modo a acolher a todos.

Nota-se pelo ponto de olhar dos anjos, que estes não prestam adoração a Maria como nas imagens do Divino Pai Eterno e Sagrado Coração de Jesus, onde os olhos destes estavam fitos na representação da primeira e segunda pessoa da Santíssima Trindade. Na representação da Imaculada, os anjos coroam e rodeiam aquela que foi assunta sem o pecado original e que é um caminho para se chegar a Deus. Alguém a quem se presta uma hiperdulia. Abaixo de Maria estão representados a Igreja Matriz e o Santuário de Nossa Senhora das Brotas, simbolizando que Maria é mãe e rainha dos



dois templos. A imagem é dividida em três campos visuais: Imaculada Conceição; Igreja Matriz; Santuário de Nossa Senhora das Brotas. O que une a Igreja Matriz à Imaculada Conceição é a Cruz da Igreja, simbolizando que somente pela cruz, assim como Maria assumiu assunta ao céu, a cruz é caminho para um dia também os cristãos estarem na glória, não pelos próprios méritos, mas pela graça Divina. É visível ainda, o manto azul de Maria, detalhado com tons em dourado, simbolizando sua realeza, une a Imaculada com o Santuário de Nossa Senhora das Brotas, ilustrando que Maria cobre com seu manto o seu Santuário aqui na Terra, abençoando a todos os que buscam abrigo e fazem passagem.

Considerações Finais

Como visto, as imagens são fruto da própria sociedade e dizem respeito às suas concepções sobre determinados assuntos. A riqueza de imagens nesse século nos permite refletir sobre diversos assuntos, tendo em vista que essas nos possibilitam um conhecimento de mundo sem a necessidade da linguagem escrita, mas apenas a visual. Assim, os templos religiosos também são ricos em representações imagéticas que ilustram a história do templo, mas também e, sobretudo, a história do cristianismo.

Em Piraí do Sul, essas representações estão presentes na Igreja Matriz, possibilitando refletir sobre a história da igreja católica e, também, sobre a dimensão histórico social do seu artista e do município. Desse modo, a sensibilização para a leitura de imagens deve ser entendida como um processo subjetivo, no qual o observador irá perceber as nuances da representação de acordo com as suas concepções e experiências pessoais com o objeto observado, mas, sobretudo, com a contextualização do objeto de estudo e história psicossocial.

Referências

- ALVES, G. Intercessão dos Santos e a Dulia, Hiperdulia e Latria. **Apologética da Fé Católica**. 2012. Disponível em: <<http://apologeticadafecatolica.blogspot.com/2012/03/intercessao-dos-santos-e-dulia.html>>. Acesso em: 20 out. 2018.
- CANTICO DOS CANTICOS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. 92 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. p. 826-834.
- DEUTERONÔMIO. Português. In: **Bíblia Sagrada**. 92 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. p. 215-253.
- DONDIS, D. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GENESIS. Português. In: **Bíblia Sagrada**. 92 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. p. 49-100.
- JÓ. Português. In: **Bíblia Sagrada**. 92 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.



JOÃO. Português. In: **Bíblia Sagrada**. 92 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

LEITE, M. Desenho Infantil: Questões Práticas e Polêmicas. In: KRAMER, S; LEITE, M. (Orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas/SP: Papyrus, 1998.

MALVESTITTI, L. **Igreja Matriz do Senhor Menino Deus**: Aspectos Históricos. 2000. 84f.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PAPA PIO IX. **Bula Ineffabilis Deus**. 1854.

VAZ, A.; ANDRADE, A.F.; SIQUEIRA, P.H. A importância da alfabetização visual nas diferentes áreas do conhecimento. **Anais do Graphica 2009**. Bauru/SP, 2009.